



EROS E PSIQUÊ

PERSONAGENS

Eros e Psiquê, respectivamente, são entidades mitológicas que personificam o Amor e a Alma. No idioma grego éros significa "desejar ardentemente", desejo incoercível (irreprimível) dos sentidos, e parece derivar do verbo érasthai, que, por sua vez, quer dizer estar inflamado de amor. Sua genealogia é uma das mais ricas e complexas, talvez pela própria dificuldade que encontramos quando tentamos definir e expressar esse sentimento elevado que é o amor. E alma forma-se a partir de psykhein, cujo sentido é o de "sopro de vida". Psiquê era a personificação da alma, geralmente representada por uma figura feminina, mais menina do que mulher, com asas de borboleta. As crenças gregas populares concebiam a alma como uma borboleta. Estão aí as raízes do significado simbólico da borboleta como *indício de transformação*. Psiquê simboliza o princípio de **alma**, a qualidade da **vida que se transforma**.

Afrodite era, no momento de seu nascimento, uma jovem com longos e fartos cabelos negros, onde a nudez representava a ausência de dissimulações, a intimidade pura. Os longos cabelos negros, são o símbolo do luto pela castração de Urano, indicador da necessidade de mecanismos repressores para que a paixão não chegue à bestialidade, pois se entregar ao amor bestial é como caminhar no negror da noite. Simbolizam também a força do Amor; a abundância dos sentimentos, impulsionando o indivíduo para um relacionamento. A água de onde emergiu Afrodite, representa o reino da emoção profunda e das reações aos sentimentos. Por sua própria natureza, os sentimentos são parcialmente inconscientes. Por mais límpida que seja a água, a sua transparência não é perfeita, produz imagens distorcidas. A água é submissa, mas conquista tudo. Ela conquista submetendo-se, nunca ataca, mas sempre ganha a última batalha, cede passagem para os obstáculos com uma humildade enganadora, pois nenhum poder pode impedi-la de seguir o seu caminho traçado rumo ao mar.

Afrodite derramava nas coisas da natureza toda sua alegria de viver, ao mesmo tempo em que atuava de modo temível, pois podia preencher os corações dos humanos com o frenesi (Frenesi: entusiasmo delirante, excitação, arrebatamento) da paixão (Paixão: sentimento ou emoção levados a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se à lucidez e à razão). Deusa do Amor em todos os aspectos, desde o mais puro até o mais bestial, foi uma deusa complexa. Por ter duas tradições de nascimento, ora manifestava o amor puro, ora o amor vulgar e carnal (paixão). Representava a essência da beleza feminina, onde tudo irradiava encanto e harmonia, contudo, conseguia também ser ciumenta, fútil, traiçoeira, preguiçosa e vingativa. Todos aqueles que Afrodite escolhia como vítimas eram quase sempre infelizes, pois por causa dela, abandonariam e trairiam a própria família (abandonariam, trairiam e transgrediriam valores mais enobrecidos, cegos pela paixão). Afrodite manifestou seu ciúme de modo que se afastassem de Psiquê seus pretendentes a casamento, desse modo ela foi ficando sozinha, sem que nenhum homem a quisesse como esposa. A solidão de Psiquê não aplacou o despeito de Afrodite, que ordenou que seu filho Eros, deus da força fundamental do mundo, o Amor, matasse Psiquê. Porém, Eros ao conhecer Psiquê apaixonou-se perdidamente por ela, trazendo como força fundamental para a Humanidade a promessa de que o Amor, ao se entregar plenamente à Alma e tomando conta dela, tem, essencialmente, como resultado, a recuperação do sopro de vida, a revitalização dos processos de Vida.

A lenda de Eros e Psiquê é, na realidade, a história da evolução e do amadurecimento dos sentimentos, e da capacidade do indivíduo de se relacionar com outra pessoa. Essa é uma aventura específica que gira em torno do tema central do coração. À medida que a pessoa amadurece ela amplia a capacidade de escuta empática, de atenção positiva incondicional e a própria congruência, diversificando quase infinitamente os recursos que lhe permitem a auto realização.

A FÁBULA

Psiquê era uma princesa cuja beleza era de tal ordem que a deusa Afrodite sentiu-se de tomada de ciúmes dela. Por esse motivo, ordenou, que o filho Eros, o deus do Amor, servisse de instrumento para punir tamanho atrevimento por parte daquela mortal. Quase ao mesmo tempo, o oráculo ordenou ao pai de Psiquê, diante de ameaças assustadoras, que conduzisse a filha para junto de um rochedo, onde um monstro horrível a tomaria como esposa. Eros, porém, descuidando-se com suas flechas, acabou ferindo-se com uma delas. As flechas de Eros eram usadas com o propósito de fazer as pessoas por elas atingidas se apaixonarem subitamente, não escapando de seu veneno nem mesmo os deuses imortais. E assim, Eros se apaixonou pela moça a quem deveria destruir por ordem da mãe.

Eros ordenou que Zéfiro, o vento oeste que personificava o céu estrelado, trouxesse Psiquê para seu palácio. Por ser uma divindade, Eros se apresentava invisível aos olhos físicos da mortal Psiquê, mas esta, com sua sensibilidade e romantismo, aceitou e se enamorou do pretendente, mesmo sem vê-lo e sem conhecer a sua identidade, confiando e se entregando aos seus cuidados, seguiu cegamente apenas o que as emoções pediam a ela. Mas Psiquê sentiu saudades dos familiares (ou da concretude do mundo físico), sentindo-se novamente solitária, sem os seus iguais, os seres físicos como ela. Eros, não conseguindo dissuadir Psiquê, novamente encarregou Zéfiro para levá-la à terra de seus familiares. Ao encontrar com suas invejosas irmãs, esta convenceram Psiquê a conhecer o misterioso esposo, despertando nela a dúvida e a necessidade de conceber a realidade e a verdade através da verificação experimental, sensorial e aparentemente objetiva, orientada pela curiosidade, inveja e desrespeito. Psiquê, com esta decisão, iria contrariar o pedido de Eros, de que nunca procurasse ver as suas feições. Ao buscar a comprovação objetiva de quem era seu esposo, por infelicidade da sorte, ao realizar tal verificação, Psiquê ficou tão encantada com a beleza de seu esposo, deixando cair no rosto de Eros adormecido, um pouco do óleo quente que alimentava a luz de sua lâmpada. Eros despertou cheio de dores, dores físicas provocadas pela queimadura, dores morais provocadas pela desobediência e traição de Psiquê à promessa, dores afetivas com a ingratidão e crueldade dela. A busca do conhecimento objetivo, para honrar a objetividade e a curiosidade de um outro, e não daquela que investiga, faz com que o investigador cometa atos que podem ferir a integridade da pessoa investigada e de si mesmo; seria isto um conhecimento verdadeiramente objetivo? Enraivecido e magoado, Eros abandonou a esposa. Psiquê saiu errando pelo mundo, em busca do amor perdido, implorando ajuda a todos os deuses, mas nenhum deles quis ajudá-la, pois ela incorrera no grave erro de, sendo uma mortal, casar-se com uma divindade, sem pedir o consentimento deles. Mas como a mortal Psiquê poderia reencontrar seu amado deus Eros? Mas como transpor o abismo que separa o humano do divino?

Apenas Afrodite, a deusa do amor ambíguo, a acolheu, não para ajudá-la, mas para se vingar de Psiquê, que conquistara o coração de Eros. Prometendo facilitar a conciliação entre Psiquê e seu filho, Afrodite deu-lhe tarefas tão difíceis, que Psiquê ia cumprindo com a ajuda de divindades compadecidas do seu amor impossível. Mas Psiquê, novamente não resistiu à busca da objetividade para satisfazer sua curiosidade, e, no caminho de volta dos infernos, abriu a caixa e caiu num sono profundo. Eros, desesperado de amor e saudades, se pôs a procurá-la, com isto mostrando que o arrependimento, além do amor, também é uma força fundamental à humanidade; foi encontrá-la

entregue ao sono mágico. Despertou-a com um adejo de asas, levou-a ao Olimpo e suplicou a Zeus para desposá-la. Zeus, comovido com o sofrimento de ambos, permitiu o casamento deles e ainda ordenou que Afrodite se reconciliasse com Psiquê e concedeu à bela moça a imortalidade, ou seja, a promessa de que a humanidade pode evoluir através do amor dedicado.

O MITO INTERPRETADO

Este mito de Apuleio nos trás o momento arquetípico em que o amor entre um homem e uma mulher (mortal) pode vir a ser **transformado**. É a passagem do amor inconsciente, do estado paradisíaco da paixão, em algo sagrado pelo qual vale a pena lutar e transformar. Um amor de Self, que, a partir de Psiquê, por sua jornada heróica a caminho da individuação, transforma-se em amor humanizado, duramente trabalhado.

Este mito traz uma grande e importante alteração na forma de amar. Antes de Psiquê, ou seja, da alma se relacionar com o amor, este reino pertencia somente a Afrodite, que propiciava as uniões pelo desejo físico e pela necessidade de procriação. Afrodite é caprichosa, e junto com seu filho Eros, também infantil e caprichoso, deixavam deuses e mortais literalmente sob seu jugo, sem possibilidade nenhuma de qualquer ação ou reação.

A partir de Psiquê, a alma, ou seja, nossa Psiquê, é ativada e passa a fazer parte integrante deste mistério. Só que agora não mais de forma passiva, não mais como meros espectadores das tragédias amorosas humanas, mas como participantes ativos, na transformação do próprio destino. A alma infantil, a ingenuidade inata de Psiquê, será transformada. Trata-se de um momento trágico em que toda alma assume o próprio destino.

Afrodite, acostumada a ter poder absoluto no seu reino, não acredita que uma alma mortal seja capaz de sobreviver, lutar e transmutar o destino a ela imposta. Antes de Psiquê, isto jamais havia acontecido. Os humanos eram mesmo joguetes nas suas mãos caprichosas. Por isso, é tão grande a ira de Afrodite sobre Psiquê. A Alma muda o curso da nossa vida por cumprir as suas quase impossíveis tarefas.

Antes de Psiquê, os demais heróis da mitologia agiam todos por motivos de ordem patriarcal: poder, conquista, civilização, cultura, etc. Psiquê é a ordem do amor pelo amor. Cumprindo as tarefas propostas, ela mesma sem saber como, transcende os limites impostos aos mortais e vai abrindo e ampliando possibilidades antes totalmente impossíveis. Nos estados iniciais do mito, reinava o estado urobórico e pleno do êxtase, que, por vezes, permitem aos deuses experimentar e gozar (por merecimento ou castigo). O estar apaixonado é a visitação de uma energia dividida. Isto sempre ocorreu, ocorre e ocorrerá; a diferença é que com Psiquê tem-se a oportunidade de ir além desse "capricho divino".

Eros, apesar de ser o mais poderoso deus, estava sob aparência de um jovem rapaz, ainda longe de ser um homem maduro. Psiquê, por sua vez, "a que nasceu de uma gota de orvalho", era tão frágil, como inocente e infantil. Ambos assim teriam permanecido, não fosse o choque da Luz da Consciência, ativado pela desconfiança e medo. Essa revelação trouxe tanto a sombra da separação, do abandono e da desolação, quanto a possibilidade real de individuação pelo amor, para o amor e por amor.

Psiquê foi a primeira mortal que se relacionou intimamente com um deus e conseguiu sobreviver, transformar-se e ainda transmutar a própria divindade. Afrodite também sai transformada, Eros amadurecido e o Olimpo todo comemora esse momento de vitória e comunhão entre deuses e mortais.

Psiquê é o ser arquetípico que nos redimiui da aceitação passiva do nosso destino. Ao iniciar sua jornada solitária, Psiquê pensa primeiro em morrer, pois nada mais tem sentido na vida para ela, depois da experiência luminosa dos encontros com Eros. Quando a alma é atingida por uma experiência arquetípica, desestrutura-se. E Psiquê desestruturou-se ao ponto máximo de desejar a morte, mas as águas do rio da morte não a aceitaram e a transportaram de volta para a margem. Num segundo momento, Psiquê pede ajuda a todos os deuses, em todos os templos que pode. Chega a Deméter, a grande mãe, mas esta se recusa a atendê-la. Pede em seguida ajuda a Hera, a deusa do casamento, mas essa também se recusa (Psiquê ainda não está pronta para o casamento). A individuação de Psiquê será introduzida pela mesma caprichosa divindade que a queria cativa: Afrodite, a deusa do amor. Sendo assim, Psiquê vai em busca de sua senhora e se entrega submissa para que se cumpra o destino. "Arremessa-se aos pés da deusa chorando copiosamente, molhando suas sandálias, varrendo o chão com os cabelos". Afrodite, furiosa duas vezes, uma por ciúme de Eros, outra por ver uma mortal desafiando os limites a ela impostos, chama as suas duas criadas, Inquietação e Tristeza, e entrega-lhes Psiquê para que estas a torturem. Em seguida exige-lhe o cumprimento de diversas tarefas, com a promessa de que após seu correto cumprimento, lhe permitiria reencontrar-se com Eros.

A Primeira tarefa consiste na separação dos grãos. Essa é a tarefa em que Psiquê tem de aprender a discriminar, separar. Ela, confusa e entorpecida, precisa para essa tarefa, calma, paciência e determinação. Um trabalho manual pode, nessas horas de desespero e aflição, ser o calmante organizador no mundo concreto. Sem forças para executá-lo, ela no entanto o faz, pelo serviço autônomo do inconsciente, representado pelas formigas. Dessa primeira tarefa, Psiquê adquire a habilidade do **Discernimento**. Da mesma forma, precisamos aprender a separar e classificar nossos sentimentos. Por exemplo, diante de incertezas, precisamos distinguir quais são legítimas e quais são frutos da nossa insegurança. Diante de muitas tarefas, precisamos distinguir quais são as prioritárias. Diante da necessidade de uma decisão, precisamos distinguir o que é pertinente do que não é. Para classificar sentimentos precisamos analisá-los e não nos deixar levar por eles.

A segunda tarefa é retirar flocos de lã de ouro dos selvagens carneiros que vagueiam as margens de um rio. Atirar-se a essa tarefa sem pensar, teria sido o fim de Psiquê, pois os ferozes carneiros representam a agressividade contida, primitiva e inconsciente, que se escondem sob seus pelos. Psiquê tem que entrar em contato com esse aspecto da agressividade instintiva, sem contudo dilacerar ou ser dilacerada por ela. Os caniços da margem do rio avisam para que deixe o sol cair, e então os carneiros estarão mais calmos e apaziguados, e deixarão naturalmente flocos de lã enroscados nos galhos. O caniço representa um modo masculino, mas ao mesmo tempo feminino e flexível de lidar com a agressividade. Espera a hora em que o tempo esfriar, não se expõe com os ânimos exaltados e muito quentes. E assim ela cumpre a segunda tarefa. Esta segunda tarefa lhe dá a habilidade da **Criatividade**. Psiquê sabe que pode ser morta se chegar perto deles e mais uma vez não acredita que conseguirá realizar sua tarefa. Quando deixa de se desesperar, Psiquê segue o conselho dos caniços e observando os carneiros de longe percebe que eles costumam se coçar esfregando-se nos espinheiros. Psiquê então espera o anoitecer e quando os carneiros se afastam, ela calmamente colhe os fios dourados que ficam presos aos espinhos. Assim, Psiquê aprende a examinar situações e a perceber oportunidades mesmo naquilo que aparenta ser difícil. Psiquê percebe que a melhor saída nem sempre é o confronto, ou o que parece óbvio. Com criatividade, novas alternativas se tornam visíveis.

A terceira tarefa é a de buscar a água da vida num alto penhasco, que desemboca no rio Estige, inacessível. A vida, que é a passagem para a morte, a adverte: "sai daqui; o que fazes, presta atenção, acautela-te, fuge, tu morrerás". "...Petrificada de horror, Psiquê já está com seus sentidos amortecidos; fica inteiramente inerte, sem sequer poder chorar, o que seria um consolo. Mas, aos

olhos da criação, não escapou o tormento dessa alma inocente, pois a águia predileta de Zeus, aquele que tudo vê, resolveu socorrê-la" Quando fazemos o que podemos, os deuses fazem o que não podemos - diz um ditado popular - e, assim, Psiquê é ajudada pela divindade que tudo vê. Ao fim da terceira tarefa, Psiquê adquire a habilidade da **Visão Sistêmica**. Para chegar perto da água, Psiquê precisa pisar no musgo, portanto ela pode facilmente escorregar e cair. Assim, a tarefa de encher a jarra também parece impossível. Mas eis que a águia vem em sua ajuda. Ao observar o vôo da águia, Psiquê depara com o topo da cascata, onde não há musgos e é, portanto seguro para encher a jarra. A águia simboliza a habilidade de ver a paisagem de uma perspectiva distante para poder escolher o ponto mais adequado para a ação. Assim como a águia que no seu vôo vê o todo, temos que ver o todo de uma situação antes de agir.

Os mitos costumam ter três tarefas, mas Psiquê recebe ainda uma **quarta tarefa**, representando no quatro, a totalidade: ir direto à morte, ao reino de Hades pegar a poção da beleza imortal com Perséfone. Psiquê compreendeu que nada mais restava, que só a morte a esperava nessa missão sem volta. Foi então, novamente, de encontro à morte, indo se jogar do alto de uma torre. Então, a Torre a orienta a como entrar e sair viva dessa última tarefa. A Torre representa uma construção humana na direção da divindade; é um sistema de idéias, de pensamentos religiosos, de ritos e preceitos que nos aproximam do divino. É a sabedoria humana acumulada em prol do bem maior da humanidade. E ela dá as instruções à Psiquê, através da clarividência e da receptividade com que Psiquê se propõe. Ela então segue corretamente passo a passo as instruções internas. Entre as várias recomendações, é dito para que ela não se distraia e não ajude ninguém, por mais piedade que ela venha a sentir. A fraqueza vem do fato de sentir pena indevida, sempre que solicitada. Nesta última tarefa, Psiquê adquire a habilidade do **Foco**. Além do medo do mundo subterrâneo, Psiquê sabe que no caminho encontrará diversas pessoas que lhe pedirão ajuda, tentarão dissuadi-la de realizar a tarefa ou simplesmente dificultarão seu trabalho. O grande desafio de Psiquê é estabelecer um objetivo e manter-se fiel a ele. Algumas vezes Psiquê diz não às pessoas que a interpelam, outras vezes Psiquê as atende, mas nunca deixa de priorizar suas metas. Assim, ela chega ao mundo subterrâneo, recebe a caixa da deusa e cumpre, portanto, sua última tarefa.

Através da realização das quatro tarefas, Psiquê desenvolve capacidades e forças. Ela agora está preparada para realizar seu sonho, que é encontrar-se com Eros. O mais importante é que Psiquê embora ainda sendo mortal, adquiriu discernimento, criatividade, visão sistêmica e foco, e sabe que está capacitada para seguir adiante. Psiquê cumpre à risca todas as recomendações, e ia saindo vitoriosa, não fosse seu lado humano. Ela se perde então pela vaidade e abre a caixa da poção da beleza imortal, que é a própria morte. Psiquê precisa morrer para a sua preocupação pueril e narcisista para com a sua beleza e aprender algo do submundo. O narcisismo é uma das portas de entrada para o mundo físico. É por essa porta que Narciso se perde, mas também se encontra nas profundezas. É uma etapa transformadora e decisiva na individuação. O que eterniza e imortaliza a beleza é a morte, pois a vida traz inexoravelmente o envelhecimento, e retira a beleza externa. Psiquê cai no sono da morte e isso mobiliza Eros, que vem cumprir no final o seu papel de herói. O que o faz sair da passividade regressiva do reino materno de Afrodite, é a consciência de perder para sempre Psiquê. O fracasso de Psiquê é, ao mesmo tempo, a sua redenção, uma vez que a fraqueza da mulher amada mobiliza o crescimento do homem. Eros a pega no colo e pede a Júpiter piedade. O deus o atende, feliz por ver o jovem de temperamento volúvel, comprometido e humanizado com sua alma.

Assim, Eros realiza um segundo casamento com Psiquê, abrindo novos horizontes e possibilidades para o Amor. O resultado dessa união é a filha Volúpia, que representa o êxtase maior, na conjunção do divino humanizado e do humano divinizado. A grande obra alquímica que resulta desse encontro é o alcance do processo de individuação através do comprometimento amoroso. O grande final não é conseguido por mérito nosso, mas pela dádiva, ou Graça Divina. "Era Ele que se

disfarçava de formiga, junco, águia, torre e me conduzira pelo caminho..." Finalizando o mito, eis a oração recitada por Psiquê:

"Olha sempre para o olhar salvador (do amor),
tão contrito e delicado
agradece a habilidade celestial
de poderes te transformar
põe-te a serviço dela,
donzela, mãe, rainha,
todos os teus sentidos
ó, Deus, tende piedade..."

O MITO NA ASTROLOGIA

Na Astrologia, enquanto o ascendente representa a autoconsciência, o descendente é a complementação, o ocaso da alma, é a consciência do outro. O descendente ou terceiro quadrante, ponto cardeal, é iniciado pela Casa VII. Aqui, inicia-se a aprendizagem da complementação, a sabedoria de que não estamos sós, que o outro pode ser o nosso espelho e que muito sobre nós mesmos poderá ser compreendido através dos contatos, dos relacionamentos, das sociedades, dos casamentos. Casamento entende-se qualquer relacionamento baseado em compromissos mútuos, contraído legalmente ou não. Embora seja mais conhecida como a casa do casamento, é também curiosamente indicada como a "Casa dos inimigos declarados". A Casa VII representa o encontro do homem com o Sagrado, na medida em que ele se desvencilha da prisão de "sua vontade" e passa a perceber que existe algo divino nos encontros dessa existência, e de que nada acontece por acaso, mas sim, por ocaso. Os encontros que acontecem são "colocados" em nossas vidas como se fossem provocações, exercícios para unir a nossa alma, que é bastante fragmentada, através de uma outra história de natureza mais transcendental, definitiva em nossas vidas. Se isso não for visto numa relação, perderemos não só a relação, mas a possibilidade de crescer nela e com ela. Assim como o Sol, em sua natureza, tem que se pôr para que a noite nasça, as pessoas também necessitam se retirar por um momento para dar espaço ao outro. E na hora que esse Sol se põe, nós, que surgimos com ele na Casa I, no momento do nascimento, teremos que se pôr com ele, também. O caso é que nós não estamos acostumados com as trevas, a sair de cena e deixar que o outro ou uma outra coisa brilhe em nosso lugar e ocupe o centro. Aqui é bom ficar claro a importância de se pôr. Se pôr significa deixar de fazer determinada coisa que queremos e fazer aquilo que o outro prefere. Claro que o casamento perfeito é aquele em que o outro faz o mesmo. Todos temos uma Casa VII, logo, todos têm o seu momento de se pôr, e quando isso não acontece, vêm as frustrações e as insatisfações, seja no nível emocional, afetivo, profissional ou de amizades.

Se retirar do centro significa anular sua vontade para atender o que for necessário em benefício do outro. É esquecer os próprios desejos e vontades e priorizar o assunto alheio, entrar em ocaso, deixar que algo ou alguém brilhe em nosso lugar enquanto ficamos nos bastidores. Assim, extrairemos de cada relação o que ela pode nos dar, com espontaneidade e naturalidade, de acordo com o equilíbrio da Vida. Afinal, relacionamento significa equilíbrio. Na "Casa do Outro" devemos esvaziar nosso egocentrismo e de uma forma prática e harmoniosa, deixar que os outros brilhem. Dar o que temos para dar, em vez de cobrar aos que não tem o que nos oferecer e receber dos que tem com satisfação. A casa VII representa Eros, deus da emoção, oposto à Psiquê, representante da razão, da Casa I. Segundo a mitologia, Eros chega na calada da noite e foge antes do Sol raiar para que Psiquê não o veja. Só existe uma maneira de perceber Eros: colocar para fora o excesso de individualidade, de sol presente que a s tem na vida. Só esvaziando o ego é que se abrirá um espaço para conhecer a energia de Eros. Para isso, não é necessário criar novas relações e sim trabalhar as que já existem.

Com isso, aprenderemos a "prender" o Eros em nosso cotidiano, seja dia ou noite. Colocando o outro e as relações importantes que fazem parte da nossa vida no centro. Com justiça e equilíbrio estamos aptos a ir recebendo de cada coisa ou pessoa o que cada um tem para dar.

O AMOR

Mas, afinal, o que vem a ser, em essência, o amor? Mesma pergunta fazia-se Sócrates, sábio grego, durante um banquete, há 2500 anos. Platão subordina Eros/Amor ao Logos/razão. É a busca do Bem e da Beleza que se desvincula do efêmero na busca do essencial. (amor platônico). Santo Agostinho afirma que “O amor é bom se é por amor de Deus, ou mal se é amor humano” e Santo Tomás de Aquino nos diz que “nenhuma virtude é verdadeira sem a caridade”, sendo aqui Caridade igual a Amor. Madame Guyon conclui que “O verdadeiro amor é o amor puro (o amor por ele mesmo) o oposto é o amor-próprio”.

Normalmente se pensa no amor como um sentimento único, uma meta a ser atingida num futuro remoto. Entretanto, o amor é multifacetado e apresenta-se em diversos níveis, estando ao alcance de todos os seres. Entre os animais, a fêmea que zela pelos filhotes, tendo unicamente o instinto como fio condutor, pratica um tipo de amor. Os animais gregários estabelecem esquemas de defesa mútua, baseados ainda nesse nível de amor primário. Todos os sentimentos mais elevados tais como a amizade, simpatia, consideração, generosidade e altruísmo, são manifestações desse amor multifacetado.

Jesus amou incondicionalmente a humanidade e igualmente a todos, exercendo o Amor-síntese, só possível a uma criatura que reúne em si todas as Virtudes. Não parece razoável buscar o amor Crístico sem antes nos exercitarmos nos níveis menores do amor, praticando-o nas pequenas coisas ao ponto de, como São Francisco de Assis, integrar-se no Todo chamado o sol, a lua, as estrelas, as águas e o fogo de irmãos. Deveremos ainda lutar contra o exagerado egocentrismo, tão profundo e comum como há dois mil anos. Este é o trabalho do tempo e da vontade individual.

"Ama a teu próximo como a ti mesmo". Esta é a tradução geralmente aceita do versículo. Como resultado, frequentemente indaga-se: "Como as pessoas podem sentir por outros o mesmo amor que têm por si mesmas? Não é uma exigência irreal?" Se, entretanto, examinarmos mais cuidadosamente o original em hebraico, a dúvida desaparece. A Torá declara aqui uma definição de "Amor": a sensação ou experiência de amor é quando se deseja a outro o mesmo que se quer para si. Aquilo que algumas pessoas consideram amor pode não ser mais que amor próprio. Podem "amar" alguma coisa porque isso satisfaz suas necessidades, mas quando o objeto do amor não pode satisfazer este desejo, ou a própria necessidade se extingue, o amor se evapora (o que na verdade era Paixão, não Amor). O verdadeiro Amor não é egoísta, mas um ato de doar. Amamos apenas quando o desejo de agradar a outra pessoa é tão intenso quanto o de agradar a nós mesmos. Tal atitude exige sacrifício, porque talvez tenhamos de nos privar de algo para dar aquilo que agradará a outros. Enquanto crianças, somos egoístas, ao amadurecer deveríamos desenvolver um amor espiritual, bastante diferente daquele amor físico infantil. Este amor espiritual dirigido ao próximo pode fazer frente a todos os desafios. Como diz o Cântico dos Cânticos (8:7): "Mesmo as águas abundantes não podem extinguir o verdadeiro amor."

São Paulo talvez tenha nos dado a visão mais abrangente e forte do Amor e de sua importância na nossa vida, em sua carta aos Coríntios, quando nos diz:

“Ainda que fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine”.

“Ainda que tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e todas as ciências; ainda que tenha tamanha fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver amor, nada serei”.

“E ainda que distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará”.

“O amor é paciente, é benigno, o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”.

“O amor jamais acaba. Mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas cessarão; havendo ciência, passará. Porque em parte conhecemos e em parte profetizamos. Quando, porém, vier o que é perfeito, o que então é em parte será aniquilado. Quando eu era criança, falava como uma criança. Quando cheguei a ser adulto, desisti das coisas próprias de criança. Porque agora vemos como num espelho, obscuramente, e então veremos face a face; agora conheço em parte, e então conhecerei como sou conhecido. Agora, pois, permanecem a Fé, a Esperança, e o Amor. Estes três. Porém, o maior deles é o Amor.”

1ª EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS - SÃO PAULO

“O Amor nunca falha e a vida não falhará enquanto houver Amor. Seja qual for sua crença, ou sua Fé, busque primeiro o Amor. Ele está aqui, existindo agora, neste momento. O pior destino que um homem pode ter é viver e morrer sozinho, sem amar e sem ser amado. O poder da vontade não transforma o homem. O tempo não transforma o homem. O Amor transforma.”

“O DOM SUPREMO” - HENRY DRUMMOND

Não há sentido em viver pelas glórias e atrativos mundanos. Ao final de tudo, somos apenas folhas secas que o vento arrasta para sempre. Nossas lembranças são varridas e nossos vestígios apagados definitivamente. Aquele que morreu sem ter buscado a elevação espiritual, perdeu sua oportunidade de reconciliação e regeneração. O único que levamos conosco para a eternidade são as virtudes interiores, das quais a maior é o Amor a Deus e conseqüentemente à nossos semelhantes. A grande maioria ama as riquezas, o luxo e os bens materiais. Essa é sua paixão. Sabotam, profanam e assassinam o Amor. Apenas as almas elevadas, aquelas que cuidam, em vigília constante, do Santuário do Coração são capazes de atingir o Amor supremo e verdadeiro. Está escrito: "Deus é Amor". Esse sentimento inexplicável provém das profundidades do “Eu” mais distante dentro de nós mesmos. Quando o misterioso sentimento é cultivado até alturas inimagináveis, Deus se manifesta através do homem: fala por sua boca e se expressa por seus atos. O único caminho possível para a santidade e a castidade é o do Amor Universal.

BIBLIOGRAFIA:

- Bíblia de Jerusalém
- O Dom Supremo – Henry Drummond
- Diversos sites sobre Psicologia, Mitologia e Religião.

FIM